



## Quem quer, faz!

O II Congresso Brasileiro de Agribusiness “Construindo Estratégias”, promovido pela Associação Brasileira de Agribusiness (ABAG) nos dias 24 e 25 de junho, no Palácio do Itamaraty, em Brasília, reuniu autoridades, lideranças das mais diversas cadeias produtivas do setor, parlamentares, empresários, executivos, acadêmicos, pesquisadores, técnicos e jornalistas. Cerca de 400 pessoas que vêm, ao longo do tempo, construindo mais do que estratégias, construindo a história da grandeza do agribusiness brasileiro.

Embuído por este espírito é que na solenidade de abertura o Presidente da ABAG, Carlo Lovatelli, selou sua exposição sobre a extraordinária performance do agribusiness brasileiro, anunciando a comemoração dos 10 anos de existência da ABAG. Difícil foi distinguir entre os congressistas os que de alguma forma não tiveram participação na construção e consolidação da Entidade. Com muita emoção também foram lembrados, em saudosa memória, os nomes de grandes amigos de jornada, como Ney Bittencourt de Araújo, Arturo José Furlong e Antonio Hermínio Pinazza.

No I Congresso, em 2002, foram levantados os 10 C’s da competitividade futura do agribusiness brasileiro: 1) Capital – crédito, financiamento e seguros; 2) Condução ao Mercado – infra-estrutura e logística; 3) Comercialização e comércio exterior; 4) Conhecimento tecnológico e comunicação com o consumidor; 5) Carga fiscal; 6) Conservação dos recursos naturais e do meio ambiente; 7) Cidadania e inclusão social – renda mínima e segurança alimentar; 8) Clustering – interiorização e desenvolvimento local; 9) Coordenação institucional e de políti-



*Cerimônia de abertura do 2º Congresso Brasileiro de Agribusiness*

cas, do setor privado e das ações locais; e 10) Capital humano. Um conjunto de propostas de políticas, medidas e ações voltadas ao desenvolvimento sustentável, ampliação da produção, do consumo e do comércio exterior e o progresso do interior.

Decorrido um ano, já foi possível avaliar os pontos em que avanços substanciais foram obtidos e aqueles nos quais muito pouco, ou quase nada, foi feito. O plano traçado, norteado, discutido e definido não chegou a ser completamente acionado, seja pela falta de recursos, pela insegurança, pela incerteza, ou mesmo pela própria inércia de alguns agentes do setor, em todas as esferas.

Ficou muito claro que o tempo de esperar é passado. O II Congresso foi marcado pelo desafio ao investimento privado. O ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Roberto Rodrigues, expôs claramente que o governo federal não dispõe de recursos orçamentários suficientes para implementar sozinho os pontos estratégicos necessários.

Diante de questões nevrálgicas para a alavancagem da competitividade do setor, o ministro Roberto Rodrigues foi enfático ao apresentar sua proposta e lembrou que o investimento do capital privado nessa área é fundamental para o

País, uma vez que o agronegócio é o eixo da roda que faz girar todos os outros setores da economia. O ministro propôs a parceria com o setor privado em sete pontos cruciais para o agronegócio nacional, que passam pela criação de um Fundo Privado de Desenvolvimento Tecnológico, por um conjunto de ações efetivas nas áreas de marketing, crédito e comercialização, logística, e defesa sanitária, até estudos de alto nível para balizar as negociações internacionais e formatar projetos para viabilizar uma reforma agrária capitalista factível.

No encerramento do Congresso, que contou com a presença do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do Ministro Roberto Rodrigues, o presidente da Abag, Carlo Lovatelli, disse que vislumbra excelentes oportunidades para o Brasil no sistema de alimentos, fibras e energia. Disse da disposição do setor em formar parcerias e atuar em conjunto com o Governo para a redução dos conflitos e para que o Brasil desenvolva suas potencialidades no agronegócio, melhorando a qualidade de vida da sociedade brasileira com a geração de renda, empregos e divisas.

É tempo, senhoras e senhores, de descruzar os braços e dar as mãos.

**Mônika Bergamaschi**

VISITE O NOSSO SITE

[www.abagrp.org.br](http://www.abagrp.org.br)

# Aprendendo co

Já usamos muito este espaço para falar sobre o Programa Educacional “Agronegócio na Escola”. Como os professores das cidades, tiraram um sábado do mês de junho para visitar as empresas associadas à ABAG/RP para entender a produção, divididos em grupos para que as escolas tivessem ao menos um representante por roteiro, para depois trocar experiências. As empresas abrirão suas portas para receber os alunos do Programa. No contato com a realidade de cada uma delas...

Nas fotos abaixo esse universo de conhecimento...



Para os professores de geografia e biologia vai ficar muito mais fácil explicar o que é uma mata ciliar depois da caminhada feita em uma trilha dentro de uma Área de Preservação Permanente (APP) da Usina São Martinho, em Pradópolis. A Usina possui um Centro de Educação Ambiental, onde assuntos como água, lixo, poluição e preservação são discutidos abertamente. Por que é importante preservar as margens dos cursos d'água? Como a ação da própria chuva pode causar erosão? As águas das agroindústrias, que tipo de tratamento recebem? As emissões que saem das chaminés são controladas? Estas e outras perguntas são respondidas mostrando a consciência ambiental que hoje norteia as empresas modernas.



Na Coplana, Cooperativa dos Plantadores de Cana da Zona de Guariba, a visita começou com uma pequena aula sobre “cooperativismo”, e os professores acabaram descobrindo porque a região de Ribeirão Preto é uma grande produtora de grãos graças à rotação de cultura. Os produtores de cana, que normalmente entregam sua produção para a indústria, tiveram que se organizar para construir uma unidade de grãos, com tecnologia de ponta para poder atender ao mercado interno e concorrer de igual para igual no externo. A determinação da umidade do grão na hora da colheita, na armazenagem e comercialização, e em todos os testes realizados entra um pouco de matemática, química, biologia, física, etc.

O leite é um produto do cotidiano que pode ajudar muito na compreensão da biologia e da química. Na Central Leite Nilza, em Ribeirão Preto, os professores conheceram o processo produtivo, desde o recebimento do leite até o acondicionamento em embalagens apropriadas.



A chegada do leite em caminhões refrigerados não causou nenhuma surpresa, mas a forma como eles são limpos e esterilizados antes de voltar às propriedades, sim. Um processo semelhante ao que é feito de forma rotineira em toda a tubulação da fábrica. É a química sendo utilizada na prática. A grande curiosidade ficou por conta da diferença entre o leite de caixinha e o convencional. O segredo é o famoso UHT, um aquecimento extra que o leite longa vida recebe para ter uma durabilidade maior.

Na região produtora de açúcar e álcool, o canavial é visto como um mar verde ao longo das estradas. Para os professores ver uma colheita mecanizada e conhecer a produção orgânica foi uma oportunidade ímpar.



Na Fazenda Santa Rita, em Barrinha, alguns aspectos sociais decorrentes da mecanização, onde de um lado, de outro, os trabalhadores rurais que se beneficiam, para os professores de geografia, história, sociologia...

Os alunos já iniciaram suas visitas monitoradas e estão chegando às empresas preparados por seus professores. O Programa cumprirá um cronograma de cerca de 200 visitas, mais de 40 mil quilômetros rodados. Resultado...

# Com a realidade

Professores aprendem e incorporam exemplos reais às “velhas” matérias da sala de aula. Cerca de 350 professores de 20 municípios da região de Franca, em São Paulo, estão presentes no dia a dia das pessoas, a realidade integrada ao currículo escolar. Os professores foram capacitados em diversas experiências. Foram 8 as empresas visitadas pelos professores durante a capacitação, mas ao longo do ano mais de 20 empresas. É possível aprender um pouco de tudo: química, física, biologia, meio ambiente, geografia, história, matemática... O conhecimento, via agronegócio, fica mais claro.



Para os professores da Diretoria de Ensino Franca a visita na Cocapec, Cooperativa dos Cafeicultores e Agropecuaristas da Região de Franca foi uma grata surpresa. Eles aprenderam a diferenciar um café de qualidade; o modo como a negociação é feita no mercado interno; porque é mais vantajoso negociar enquanto cooperativa; quantos empregos são gerados e quanto ela recolhe de impostos. Assuntos que podem “recheiar” as aulas e garantir o interesse dos alunos.



Na Usina Corona, o processo de fabricação do álcool e do açúcar pôde ser observado do começo ao fim. Desde a chegada da matéria prima na indústria onde testes de laboratório determinam o teor de sacarose da cana, passando pela produção até chegar ao produto final. Além da co-geração de energia elétrica a partir do bagaço de cana. Em quase três horas de visita as dúvidas puderam ser esclarecidas: o processo industrial em si, a preservação ambiental, a atenção dada aos funcionários, o nível de instrução de cada categoria profissional empregada pela empresa, entre outros.



Os professores interperaram sobre o problema de desemprego. De um lado está a lei que exige o fim das queimadas e de outro lado os produtores perdem seus postos. Um tema interessante para a geografia, sociologia, ciências sociais...

Agro-  
negócio  
não é só  
campo.  
Muitos em-  
pregos na  
cidade es-  
tão direta-  
mente liga-  
dos ao de-  
sempenho  
da produ-  
ção rural.  
Na Tatu



Na Tatu Marchesan, em Matão, os 1.500 funcionários sabem disso, e conversaram com os professores do Programa sobre o assunto. O desenvolvimento tecnológico da indústria é consequência do aumento da demanda por equipamentos mais modernos no campo. A diversidade de tamanhos das propriedades rurais no Brasil exige que as empresas atendam a todos os tipos de produtores, grandes e pequenos. Desde a criação dos projetos de engenharia até a utilização de robôs na fábrica foi possível constatar que os diversos produtos usam a mesma tecnologia, tudo para garantir a melhor produtividade no campo.

Os professores estão assimilando melhor o que está sendo mostrado. Até o final de novembro os mais de 8.000 alunos participantes terão adquirido: mais conhecimento disseminado, novas oportunidades reveladas e muitos caminhos a serem percorridos.

# Taquaral, entre a cana e a laranja

Imagine uma criança de 7 anos. Os pais conseguem ter sobre ela controle total. Que caminho tomar, quanto gastar, com que amigos se relacionar.

Assim podemos imaginar a cidade de Taquaral. Com 7 anos, a prefeitura consegue ter total controle sobre sua administração. As contas estão rigorosamente em dia. Sobra até dinheiro para colocar na poupança. Em 2002 o superávit da cidade foi de cerca de R\$ 300 mil, cerca de 10% do orçamento anual. A poupança da prefeitura já passa de R\$ 1,2 milhão.

Antigo distrito de Pitangueiras, Taquaral foi elevado ao status de município em 1993. Em 1997 assumiu seu primeiro prefeito, Petronílio José Vilela. Antigo vereador, o atual prefeito foi autor do projeto de emancipação. Reeleito em 2000, fala com carinho de todo processo: "Primeiro veio o medo de mudar. O povo estava pessimista, o que era bom porque tudo o que viesse seria positivo".

Mas do que vive um município de 2722 habitantes, com uma área de apenas 6.300 hectares, onde não existe indústria e o comércio é muito tímido? Vive do FPM, Fundo de Participação dos Municípios e da arrecadação do ICMS, que vem unicamente da produção agrícola. Cana e laranja disputam cada palmo do território. Da praça central, dois quarteirões abaixo e dois acima, a visão é clara dessa disputa. A laranja já foi mais forte na cidade, mas com as crises no segmento, muitos produtores derrubaram os pomares e plantaram cana-de-açúcar. Mas o prefeito faz questão de lembrar que na cidade moram os melhores formadores de mudas de laranja da região.

Com a vocação agrícola falando mais alto, a Prefeitura até tentou criar um distrito industrial. Comprou 6



*As plantações de cana e laranja circundam a cidade*

alqueires de terra na beira da estrada. Não apareceram interessados. Pensou em criar um entreposto de distribuição de alimentos. Também não deu certo. A Prefeitura então cedeu parte do espaço para alguns interessados. Tem gente criando galinha, plantando um pouco de milho. Outros, mais capitalizados, construíram, em meio alqueire, 6 viveiros telados para a formação de mudas de laranja. Eles pagam apenas pela água que usam, mesmo assim, a Prefeitura considera que foi um bom negócio ceder o terreno. Neste espaço tão pequeno são gerados cerca de 40 empregos e as vendas futuras podem incrementar a arrecadação de impostos.

Para montar cada um dos viveiros os empresários investiram em média R\$ 80 mil. "Todas as normas de fitossanidade têm que ser segui-



das. Este mercado não é mais para aventureiros", explica Josiane de Freitas Furlan, de 28 anos, que junto com o marido, Eleandro, aposta no negócio. Eles possuem dois viveiros. Cada viveiro produz cerca de 30 mil mudas por ano, o que rende, bruto, cerca de R\$ 90 mil. Há menos de um ano no negócio eles acreditam que os lucros devem vir apenas a partir do próximo ano.

O maior empregador da cidade é a Prefeitura. São 120 postos de trabalho. A preferência é para moradores da própria cidade, somente para cargos onde os moradores não estão qualificados é que são contratadas pessoas de fora: caso do engenheiro e dos médicos da cidade.

A saúde agora é bem diferente dos tempos de distrito. Hoje existe médico 24 horas na Unidade Básica de Saúde. O Prefeito garante que tem dinheiro para construir um hospital, mas para que?, pergunta ele. "Está tudo funcionando bem, há 6 anos não morre nenhuma criança na cidade. Construir um hospital seria gastar dinheiro sem necessidade", completa. A verba está sendo gasta com asfalto e na ampliação da iluminação pública. O velório municipal acabou de ser inaugurado e a sede da prefeitura tem menos de um ano.

A cidade tem 500 estudantes. Apenas o ensino infantil, de 0 a 6 anos, é municipal. A outra escola a "EEPG Elísio de Castro", é estadual e abriga os alunos do ensino fundamental e médio.

Para os 63 alunos do primeiro ano do ensino médio, a ABAG/RP está oferecendo uma oportunidade única. Eles participam do Programa "Agronegócio na Escola". É a chance de conhecer a região e valorizar o agronegócio, o único setor que sustenta a população que na sua maioria trabalha na colheita da laranja e no corte de cana.